

Seus dons numa volta ao mundo. Biografia de Quitéria Binga

Bartolomeu C. Santos – Pankararu
PPGAS – MN/UFRJ.



Figure 1. Quitéria Maria de Jesus

Escrever uma biografia sobre uma mulher indígena que se mostrou e se colocou sob a mira de vários olhares numa época de intensos conflitos, de interesses políticos e sobretudo econômicos nas áreas próximas ao rio São Francisco, não é uma tarefa fácil e fica mais difícil por eu ser um nativo que a conheceu e que aprendeu muito do que ela deixou como missão para aqueles que a seguiram e sente o peso, a responsabilidade de garantir uma vivência melhor as famílias dum Aldeia Indígena por inteira. Por outro lado, é importante e de grande responsabilidade, sem falar da necessidade de fazer este trabalho biográfico; e pensar que essa biografia possa ressoar para os próprios Pankararu de maneira especial para aqueles que estão se conhecendo, tais como, crianças, adolescentes e até mesmo alguns jovens que não a conheça possam também conhecer aqueles personagens fundamentais na luta pela demarcação da terra e pelo reconhecimento étnico. Por exemplo, saber quem foi Dona Quitéria Binga, pode despertar seu interesse em saber quem foram outros líderes indígenas que lutaram por Pankararu, pelo Nordeste Indígena e conhecer nossas histórias.

Neste caso falar de Dona Quitéria Binga não é falar apenas de Pankararu, mas também dos indígenas no Nordeste, pois sua imagem de mulher guerreira foi ampliada principalmente para essa região sertaneja nordestina, como para fora do Brasil. O mais importante foi o reconhecimento por parte de vários povos ao aceitá-la e apoiá-la como grande líder indígena *dum* Nordeste indígena brasileiro.

No ano de 1939¹ nasce Quitéria Maria de Jesus, conhecida como Quitéria Binga, filha de Joaquim Binga e Cecília Tiú. Criada por seu tio Antônio Binga, na aldeia Saco dos

¹ No trabalho de CRUZ, M. 2010. Dona Quitéria Binga, está registrada no ano de 1928, se considerar esse ano de seu nascimento, somam-se 82 anos de idade. Esses conflitos de registros de datas são recorrentes por não saber bem o dia de seu nascimento. Muitos foram registrados quando se casaram ou tiveram que fazer documentos para suas viagens.

Barros, aldeia em que viveu e criou seus filhos, netos e bisnetos. Faleceu (mudou de mundo) no ano de 2010 aos 71 anos de idade.

Dona Quitéria quando criança, assim como todos que viveram numa época de difícil produtividade imposta pela seca, longas estiagens, com acesso reduzido as terras próximas do rio São Francisco para plantar e pescar, teve que se moldar a difícil situação de sua época. Ela nos *conta* que foi criada agarrando-se na fé e na esperança de que o dia por vir seria melhor. Como de fato era, pois, acreditando piamente em nossos Encantados (*nos pai véi*), em Deus e nos santos carismáticos que tivera contato, acompanhado ou ouvido falar na aldeia Brejo dos Padres, entre eles Frei Damião, madrinha Dodô, padre Cícero entre outros a faziam seguir firme, com esperança. Entre seus trabalhos e confecções artesanais ela muito rezava e cantava *toantes*². Essa é uma pratica de cantar é comum, pois enquanto cuidamos nos afazeres puxamos *toantes* para trazer boas energias ou mesmo ensinar a alguém próximo.

Mesmo trabalhando desde criança na confecção de vassouras entre outros objetos feitos com palha de ouricuri (*licurí*)³, como também trabalhou na fabricação de objetos de cerâmicas, tais como, potes, moringas, pratos entre outros utensílios⁴ para ajudar sua família. Com o chegar da idade, de sua juventude, teve preocupação em saber como as comunidades vizinhas (os sertanejos) tratavam os parentes indígenas por ter conhecimento dos conflitos existentes que estiveram sempre *arrudiando* os indígenas, as vezes impossibilitando a passagem de indígenas para caçar, vender e comprar o que lhes fossem necessários nas cidades.

A maioria das mulheres e seus companheiros indígenas iam as feiras nas cidades de Paulo Afonso, Petrolândia e pouco menos para a cidade de Tacaratu, vender seus objetos, como também algumas frutas entre elas manga, pinha, *imbú*, murici, e aproveitavam para levar para vender sacas de alimentos como feijão, milho e farinha (itens do plantio local). Já na cidade estes sujeitos compravam sal, arroz e alguns temperos quando lhes eram possíveis. Foi num desses momentos em que Dona Quitéria foi estabelecendo contatos com algumas pessoas simpáticas (apoiadores) a causa indígena, conseguindo que algumas famílias da cidade cuidassem de alguns indígenas por determinados períodos para que estes

² Para descrição detalhada sobre *toantes* ver Carneiro da Cunha, M. W. “A música encantada Pankararu”. 1999.

³ Usado em confecções de acessórios de alguns rituais entre eles o chapéu do *Menino do Rancho*.

⁴ Os quais existem uma grande coleção de sua própria confecção no Museu do Índio, na cidade Rio de Janeiro.

tivessem melhores oportunidades, nesse caso estudar ⁵, antes sempre preocupada em conhecer bem as famílias para pedir que esses cuidassem e educassem seus parentes. Desde nova, Dona Quitéria sempre esteve ativa em diferentes questões, e por este motivo como os Pankararu dizem, essa nasceu com o *dom*⁶.

Dona Quitéria fora uma liderança de grande prestígio e destaque para a questão indígena, seu primeiro florescimento como representante e líder Pankararu foi ao final da década de 1970, tendo acessão política na década de 1980 na busca por melhorias e reconhecido territorial para a comunidade Pankararu; sendo a primeira indígena a conseguir a primeira creche indígena (atualmente Escola Estadual Quitéria Binga, havendo ensino diferenciado) para a comunidade numa área indígena, como também, a primeira casa de parto (atualmente chamada de maternidade) na qual atuou durante anos entre os Pankararu.

Considerada por muitos uma mulher visionária, na busca de segurança e bem-estar de todos os parentes indígenas. Sua maior preocupação era pelo futuro da comunidade Pankararu, ou seja, pelas crianças. Pois, soube que essa luta que muitos percorreram antes dela teria de continuar, então deveria cuidar e prepará-los através da educação para serem guerreiros instruídos. Por experiência, ela teve muitas dificuldades por não conseguir ler e entender muito das burocracias solicitadas. Foi a partir de sua experiência, principalmente, que lutou pela creche, para que as crianças tivessem acesso a educação desde cedo. Como também, enquanto pôde, privilegiou sempre o seu grupo familiar em diversos setores, tais como, na educação, saúde e no posto administrativo da Funai na aldeia através de contatos estabelecidos durante suas peregrinações políticas⁷. Essa ação de beneficiar seus familiares foi pensando em garantias fazendo com que seus parentes ficassem na aldeia, na Terra Indígena, sem perder membros de seu tronco familiar para as cidades do Sudeste a procura de empregos⁸.

O tronco Binga é um dos maiores atualmente na TI Pankararu. Os Bingas também se encontram em grandes grupos familiares nas pontas de rama de Pankararu em alguns

⁵ Na tese “Todo Mistério tem seu dono!” (MURA, 2012.) há um depoimento narrando essa mediação feita por Dona Quitéria Binga para com uma sobrinha.

⁶ Sobre a ideia de *Dom* para os Pankararu irei me ater posteriormente.

⁷ O uso dessa expressão é pelo sentido atribuído a palavra peregrinação, tida neste caso de viajar ou andar por terras distantes com propósito de uma causa comum.

⁸ Um movimento que se iniciou na década de 1950, com a saída de algumas famílias para a cidade de São Paulo.

dos estados brasileiros. Dona Quitéria é integrante do tronco Binga de baixo⁹, núcleo dedicado as tradições rituais, religiosas e politicamente ativa. Antes de seus primeiros anos como liderança atuou na comunidade como parteira, curandeira, cantadeira de terreiro, *mãe de praiá* e diversas vezes madrinha do *Menino do Rancho*. Por ter participado dessas atividades ela foi tomando conhecimento dos acontecimentos externos que envolviam a Aldeia Indígena em relação aos sertanejos intrusos, e a resistência deles dentro da TI e de não serem simpáticos as práticas rituais locais como mencionado brevemente a cima.

Após seu florescimento, Dona Quitéria continuou a caminhar politicamente participando de vários encontros regionais, nacionais e internacionais para debater três situações fundamentais para os povos indígenas – não só no Nordeste brasileiro mais em todo território nacional – são elas: saúde, educação e principalmente questões fundiárias. Os encontros regionais eram organização pelo CIMI, Funai e alguns programas de universidades do Nordeste. Mas foi durante as constituintes, no final da década de 80, que D. Quitéria, foi uma das principais personagens a fazer frente para furar o bloqueio da segurança e entrar no Congresso Nacional para defender os direitos dos povos indígenas assegurados pelos artigos 231 e 232 da Constituição Federal. – Embora não haja arquivos, tais como, imagens, vídeos ou áudios que demonstrem sua participação durante este evento. Desde então ela continuou firme junto as lideranças indígenas Pankararu e enquanto fazia suas peregrinações, incentivava os jovens a conhecer e participar de encontros estaduais e nacional para aprender, debater e lidar com questões burocráticas que assombram os indígenas até os dias atuais. Atualmente Dona Quitéria tornou-se símbolo de luta e conquistas, especialmente, para as jovens mulheres indígenas Pankararu.

O primeiro encontro que tive com Dona Quitéria foi entre 1998 - 1999, com 7 - 8 anos de idade, fui com meu pai e meu irmão, ele e eu ganhamos brinquedos os quais ela tinha ganhado aos montes em suas viagens as capitais. Não soube e nem procurei saber do que eles conversaram naquela época, mas certamente algo relacionado aos projetos destinados aos Pankararu. Uma década depois, em 2009, sob missão de atividades da Casa de Memória do Tronco Velho Pankararu – CMTVP, nós, pesquisadores indígenas, fizemos uma lista de personagens que lutaram pela TI Pankararu, sem fazermos um recorte temporal, apenas entrevistamos aqueles que participaram e, em outros casos, pedíamos para algumas lideranças narrarem sobre seus pais, tios, companheiros que estiveram juntos

⁹ De baixo por que seu tio Antônio Binga resolveu fundar seu próprio “tronco”, saindo da região familiar do clã do patriarca Joaquim Serafim, residente na aldeia Serrinha. Para uma maior discussão ver: “Todo Mistério tem seu dono!” Mura, C. 2012.

a eles, se não os próprios, durante as caminhadas políticas no movimento demarcatório das terras indígenas Pankararu. Entre esses personagens listados, ainda em vida conseguimos realizar uma entrevista com Dona Quitéria, obtendo informações preciosas de uma parte de sua vida, a qual narra sua trajetória e algumas memórias de sua vivência na comunidade como também de suas viagens em nome da Comunidade Pankararu contra os conflitos que se formaram por questões fundiárias com os sertanejos intrusos que *resistem* dentro da TI Pankararu.

Mesmo seguindo uma entrevista realizada sob um recorte de questões elaboradas para o perfil de cada personagem, na maioria dos casos deixávamos os entrevistados falarem de coisas que eles considerassem oportunas, pois percebemos que haviam questões a serem aprofundadas sobre nossas lideranças e de suas relações familiares na comunidade que até então não tínhamos conhecimento. Um exemplo é que cada membro de família em destaque teve sua “cadeira” no Conselho Tribal formado por lideranças indígenas seguindo um desenho hierárquico do antigo SPI para melhor organizar a comunidade.

As Aldeias Indígenas de Pankararu são organizadas por grupos de famílias patrilineares/ virilocal e matrilineares/ uxorilocal. Confesso que é uma relação complexa que aumenta ainda mais o grau de complexidade quando buscamos analisar alianças inesperadas entre troncos de diferentes famílias que estabelecem uma nova configuração para o grupo familiar inicial – antes, as relações mais comuns eram entre familiares próximos (conhecidos). O que determina se a configuração será virilocal ou uxorilocal é atuação do chefe, ou da chefe de família em questão, quando destaca certa autonomia ritualística e política, por exemplo, quando Dona Quitéria se casou¹⁰, resolveu ter seu próprio domínio, embora tenha permanecido na aldeia Saco dos Barros, onde optou por ter seu próprio terreiro para criar seus filhos e filhas. E esses trouxeram seus conjugues para dentro do terreiro de sua mãe, formando uma ponta de rama Binga uxorilocal, submetida ao terreiro maior de Antônio Binga, mas sob o domínio de Dona Quitéria Binga. Há outra ponta de rama Binga (essa virilocal) na aldeia Brejo dos Padres que até então esteve sob a “jurisdição” de seu primo João Monteiro da Luz (conhecido como João Binga –, foi cacique de Pankararu de grande destaque tradicional e político) o qual também fez várias peregrinações políticas, algumas viagens, sob o mesmo propósito de Dona Quitéria (Saco dos Barros), Cacique Zé Alto (atual cacique Pankararu), Capitão Antônio Moreno (Brejo

¹⁰ Assim como seu pai (de criação) Antônio Binga que resolveu fundar seu próprio tronco ou melhor, sua ponta de rama, saindo da região familiar do patriarca Joaquim Serafim, residente na aldeia Serrinha, para a aldeia Saco dos Barros.

dos Padres), Hilda Bezerra (cacica de Entre Serras), João Tomaz, Claudio Tomaz, João de Pascoa (Serrinha), Abílio Pedro (Carrapateira), Mané Besouro, José Luzia, João Gouveia e João Pinto (Gitó) entre outros conselheiros tribais. Cada uma dessas lideranças citadas acima exercera atividades importantes para a comunidade, sobretudo por serem *pais* e *mães de praiá*, curandeiros, rezadores e cantadores somando a representatividade de seus clãs familiares.

Dona Quitéria teve uma vida muito corrida, agitada, quando não estava em peregrinações políticas entre as capitais se dedicava aos rituais na Aldeia Indígena, no cuidar de sua roça e, sobretudo de seus familiares. Mãe de 7 filhos, vários netos e alguns bisnetos sob sua atenção. Por ter um espírito batalhador e acolhedor foi considerada, por muitos, como a cacique do Nordeste. E fora por este reconhecimento que sofrera várias ameaças dos sertanejos intrusos na região; como seus familiares também ficaram sob os olhares daqueles sertanejos que fazem resistência na TI Pankararu. Embora com o apoio do “Conselho Tribal”, de seus familiares, da comunidade e sobre os olhares e proteção dos Encantados e Deus, Dona Quitéria estava guardada de todo mal que lhe poderia acontecer.

Não ficou dúvida que Dona Quitéria Binga é portadora de vários dons, entre eles um em especial o qual ela narra numa entrevista feita por Maximiliano Carneiro da Cunha, em 1999, ao falar sobre seu *dom* de cantar.

“Aprendi. Rapaz, sofri pra aprender. Dormia, quando acordava era cantando. Aquilo já ficava na minha cabeça. É como um sonho e na hora que a gente for puxar [cantar toante] mesmo pra fazer aquele rito daquele trabalho, pedindo a Deus, aquela fala que sai da gente... os outro é quem vê. A gente não vê o que é que diz nem que faz” (Quitéria Binga, 1999. In: CUNHA, M. W. C. pag. 95)

A narrativa acima mostra como foi que Quitéria Maria de Jesus aprendeu o dom de cantar o qual lhe serviu para ser ouvida pelos Pankararu e pela comunidade indígena, pois não é fácil conhecer as palavras do outro lado, do outro mundo e executá-las com *propriedade* neste. Só é possível alcançar esse *dom* após muita dedicação, resguardo e crença naqueles que acompanham –, para utilizar uma expressão local, naqueles que governam e transmitem tal aprendizado aos Pankararu. Como ela expõe, o sofrimento faz parte desse aprendizado, que não é o aprendizado que estamos habituados através do sistema convencional de ensino. Certamente há muito mais extensões de nossos corpos, de

nossos mundos que desconhecemos ou não nos sensibilizamos a elas como deveríamos. Claro, nem todos Pankararu conseguem alcançar ou receber esse dom, mas isso não faz diminuir sua fé nas entidades encantadas locais por saber como funciona nossa Ciência Pankararu.

Durante muito tempo os Pankararu exerceram atividades rituais locais de maneira cautelosa por terem relações instáveis entre sertanejos das zonas rural e urbana da região, pois naquele tempo dominado por políticos e comerciantes deveria se ter cuidado de onde iriam fazer tal ação para não serem impedidos ou coagidos pelos coronéis, pequenos agricultores portando uma denúncia as autoridades da região. Muito dos locais, nas serras da TI, são pontos de conexão e aprendizado com outros mundos. Mesmo impossibilitados esses locais ainda existem como pontos de conexão com o Mundo dos Encantados. Durante algumas entrevistas que realizei, escutei atentamente os parentes narrarem os atritos e possíveis alianças entre indígenas e sertanejos das cidades vizinhas.

Numa outra entrevista feita por seu sobrinho Luciano Henrique, na época pesquisador da Casa de Memória do Tronco Velho Pankararu – CMTVP, Dona Quitéria responde uma das questões sobre essa relação conflituosa entre indígenas e sertanejos que desde então se arrasta até os dias de hoje.

Luciano Henrique: *“Que aconteceu quando os posseiros invadiram a terra aqui [em Pankararu] e quem eram as lideranças nesse tempo?”*

Quitéria Binga: *Resp. - Nesse tempo as lideranças que lutou até hoje pelos terrenos aqui [em Pankararu] e, que se eu num morrer ainda vou dar uma volta no mundo, foi eu! Antônio meu, tinha 22 dias. E eles [os intrusos] foram pra Marreca¹¹, pra matar eu lá. Ai, eu dizia se é de matar o pai, mata o filho. Eu pegava nos bracinhos de Tõi, assim e botava... [abraçava-o em seu peito]. Dá maior parte [de lideranças] que foram [que já morreram] só tai o Zé de Joaquizim [...]. O Zé de Neco, Abílio de Mariquinha já morreram. Eles [os intrusos] foram por lá pra [me] matar e dizer que eu num passasse pelo Bem-Querer¹². [...]. Durante um tempo fiquei doente. Fui pra Recife, fiquei 18 dias lá em Recife. Eles [os intrusos] vinham até ali em Dasdore de Maria José, pra ir lá em casa. Aí junta Tio Zé Bomba, junta Tio Gaudêncio [em defesa de sua sobrinha contra] um bocado deles. E ali por casa era arrudiado de agave e eles ficavam ali rudiando a noite todinha sem dormirem. Aí foram fazer guarnição por lá. Aí eu corri, fui me embora pra Recife e de Recife pra Brasília. Aí fiquei batalhando, batalhando, batalhando lá pelos terrenos daqui. Ai quando saiu a demarcação das terras [...] [que deveria ser] da cachoeira, da*

¹¹ Uma região entre as aldeias indígenas Tapera e Carrapateira, usada para plantio.

¹² Aldeia indígena Pankararu ocupada por mais de 300 famílias de posseiros, sertanejos intrusos.

cachoeira do rio [São Francisco] e pelo Moxotó e cá pra cima [referindo em direção ao município de Tacaratu]”.

Dona Quitéria Binga, assim como as demais lideranças que tivera grande destaque e reconhecimento pela causa indígena, torna-se alvo de sujeitos que se sentiam ameaçados pelas suas ações políticas, por denunciar aos órgãos competentes toda e qualquer forma de violência cometida pelos sertanejos. Esses olhares ameaçadores lançados aos indígenas são de longa data, embora o ameaçador tenha tido mais fôlego num primeiro momento e tenha se sustentado por terem instrumentos burocráticos agindo em nome do desenvolvimento local, estadual e nacional. Nesse primeiro momento, do olhar ameaçador, chegaram a se imporem proibindo algumas práticas rituais executadas nas aldeias indígenas, como também havia perseguições daqueles que falavam numa língua que não o português até o final da década de 1960 ao aplicar a ideia de nacionalismo, de integração de silvícolas ao projeto Nacional. Já o segundo, o olhar ameaçado, após demarcar e homologar a Terra Indígena Pankararu, e ter um posto administrativo da Funai apoiando a luta das lideranças. Nas palavras de Dona Quitéria: “eles num tinham tanta força de fazerem nada”, pois estavam perdendo uma grande parte que outrora estivera em seus domínios além de estarem sujeitos a indenização, de desentrosamento ou de uma possível retomada da área indígena a qual eles ocupam. Esse olhar tornou-se uma ameaça ambígua tanto para os sertanejos quanto para os indígenas, pois aumentou as desavenças após o registro da terra. Atualmente contamos com apoiadores institucionais a causa, auxiliando os indígenas com novos instrumentos, aparatos para recorrer e lutar contra as ameaças regionais, porém devemos ter o cuidado e sermos determinados com determinadas ações para não reificá-las.

Uma mulher de *Dons*

O saber morre com seu dono!

Dona Terezinha

A primeira vez que ouvi aquela frase foi quando estive me preparando para prestar vestibular indígena junto a dois parentes, Paulo Augusto e Paulo Henrique. Dona Terezinha, avó de Paulo Augusto, disse que foi criada ouvindo a frase de sua mãe

(madrasta). E, ela passou aquela frase aos seus filhos incentivando-os a estudar mesmo sob as dificuldades daquela época. Não havia muito sentido, pelo menos para mim, quando a escutei pela primeira vez. Tampouco agora depois de quase uma década, mas nunca a esqueci. Embora depois que sentei e escutei algumas entrevistas de lideranças e de lembrar que meus parentes sempre falam com frequência em *dom*¹³, mas não sobre o *dom*, comecei a assentar minhas ideias. E aqui estou numa tentativa de esboçar num horizonte textual daquela frase de quase dez anos atrás, por perceber que a noção de dom tem um sentido especial de Saber para os Pankararu o qual D. Quitéria Binga desempenhou bravamente.

Os Pankararu falam com muita frequência as palavras *dom*¹⁴ e *dono*¹⁵ –, é importante não atribuir gênero e sim agências ao último termo com emprego nativo. Hoje interpreto aquelas palavras de Dona Terezinha, da seguinte forma: – *meninos aprendam, pois, o conhecimento se faz e se vai com seu dono*¹⁶. Tendo essa ideia inicial pude perceber que nem sempre olhamos para o mesmo ponto de forma igual, mas, de forma simétrica, por exemplo, um *Terreiro de praiá* tem um *dono* e esse dono é um Encantado. Aquele Encantado possui *dons* que são transmitidos para os *pais e mães de praiás*, para os Pankararu e estes regulam os dons com diversas restrições, junto e de acordo com as organizações familiares e seus *zeladores* que mantem uma organização, atribuindo funções próprias entre homens e mulheres.

As vezes para aprendermos vamos buscar conhecimento longe. Podemos usar essa metáfora tanto para os líderes que viajam para as capitais na busca de seus direitos e retornam para a comunidade com conhecimentos que lhes auxiliaram a lidarem com questões burocráticas, como também, buscamos o saber numa forma espiritual, embora pela segunda alternativa muitos estejam limitados por uma *fronteira de vidro*, sabemos que existe algo, mas, muitos não conseguem ultrapassá-la. É bom deixar claro que todos Pankararu nascem com *dom*, porém, nos basta utilizar e lapidá-lo da melhor forma possível, e usá-lo como um instrumento em potencial para alcançar outros saberes. Outros *dons* continuaram dormentes e não se manifestaram até o momento em que os Encantados permitam.

¹³ A noção de dom a qual tentarei descrever para *nós* Pankararu é a de um Saber, de conhecimentos. Não está totalmente distante da noção de dádiva empregada por Mauss, embora em alguns momentos possa se aproximar, pois existe um jogo de reciprocidade entre o mundo Encantado e os Pankararu.

¹⁴ *Dom* de cantar, curar, rezar, dançar, lutar, cuidar, de fazer parto e etc.

¹⁵ *Dono* do *Terreiro*, do *Menino do Rancho*, do conhecimento, das serras, matas, animais etc.

¹⁶ Fara um pouco de sentido mais frente quando descrever sobre a noção de *dom*.

Numa tentativa melhor de desenhar essa noção de dom, a experiência e o conhecimento acumulados por Dona Quitéria Binga durante sua peregrinação política e religiosa (católica e *tradicional*¹⁷) respingou em muitos indígenas do Nordeste, sobretudo nas mulheres de sua família que atuam na mesma linha, numa construção de *dons*, de saberes. Mesmo que seu conhecimento tenha mudado de mundo junto a ela, cabe aos indígenas buscá-lo e acessá-lo para prosseguirem nessa peregrinação política e religiosa. Pois quanto mais transmitimos conhecimentos, mais conhecimento recebemos por estarmos num processo de reciprocidade física e espiritual. Como muitos *pais e mães de praiá* dizem: essa é a *ciência* Pankararu. *Ciência* a qual Dona Quitéria se nutriu e floresceu seus *dons*.

Descrevendo alguns dons de Dona Quitéria Binga:

*O dom de pegar menino*¹⁸: Dona Quitéria fez seus próprios partos, até então não se considerava parteira, e sim uma mulher que *pega menino*. As parteiras da comunidade têm esse conhecimento de gerações passadas. Sobre esse dom não há muitos registros que descrevam a fundo sua atuação e prática como parteira tradicional. Após algumas capacitações para parteiras tradicionais da comunidade através de projetos da Funasa junto a Funai, e das ONGs Saúde Sem Limites (SSL) e *Curumim* na década de 1990, com o objetivo de auxiliar as parteiras indígenas, principalmente aquelas que atuam como agentes de saúde indígena, a terem conhecimentos básicos da biomedicina para atuarem melhor em suas práticas que se teve algumas informações sobre atuação de D. Quitéria Binga. Esses projetos foram uma das conquistas de D. Quitéria nas suas caminhadas a Brasília em busca de atenção especial na área de educação e saúde para comunidade. Atualmente sua sobrinha Maria das Dores, conhecida na comunidade como Dora, e chamada por muitos de comadre, madrinha e principalmente mãe-Dora, por *botar* centenas de crianças neste mundo. Maria das Dores, segue paulatinamente as tradições religiosas, tradicional e católica assim como as mulheres de sua família.

O dom de cantar. Não é porque D. Quitéria Binga, nasceu numa das famílias de berço da tradição Pankararu que ela despertou e aprimorou esse dom –, mas por pertencer a

¹⁷ Tradicional no sentido atribuído pelos próprios Pankararu de ser transmitido de geração-para-geração.

¹⁸ Para uma descrição sobre parto, corpo e cuidado entre os Pankararu ver GIBERTI, A. C. *Nascendo, Encantando e Cuidando: uma etnografia do processo de Nascimento dos Pankararu de Pernambuco*. 2013.

esse cerco de família tradicional digamos que já lhe foi meio caminho andado. Qualquer Pankararu mesmo que suas veias venham da fonte, mesmo que saibam de “todos” os *toantes*, mesmo que o sujeito tenha qualquer dom se este não tiver a permissão dos Encantados, esse não acessa a ciência Pankararu. E faz do dom, o Dom. Para aqueles que podem ter acesso a ciência local (Pankararu), estes estão sensibilizados, sintonizados com essa energia. O dom de cantar não é uma questão de ter uma voz amplificada naturalmente e sair cantando os *toantes*. Como todo Pankararu sabe há momentos específicos para *puxar* determinados *toantes* além de seguir determinados tabus.

Como descrito a cima, na entrevista feita por Cunha (1999), Dona Quitéria sofreu muito para aprender, e na sua descrição quando aprendeu *aquilo* ficou tatuado na sua memória. Foi neste momento que ela recebeu a permissão para aflorar o Dom de cantar, como também, resguardou sua voz para manifestar as Forças Encantadas.

De acordo com as narrativas locais pankararu, os *toantes* era uma maneira de Encantamento para os mais velhos da aldeia se encantarem na antiga cachoeira, a qual foi destruída pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco. Cunha, descreve “que o som dos *toantes* vinha de dentro da terra, que ‘cantava’ para aqueles que andavam nas proximidades da extinta cachoeira de Itaparica, considerada pelos Pankararu como a moradia dos *Encantados* e para onde iam as pessoas importantes do grupo que queriam evitar a morte para conseguir o dom de se encantar” (CUNHA, pp. 93. 1999). Seria Dona Quitéria uma dessas pessoas a irem para a antiga cachoeira?!

Entre os Pankararu, “há” diversas maneiras de acessar os *toantes*, seja com vento, com a terra, com pássaros, com a água, com animais, com plantas e principalmente pelos sonhos. Essa última tem sido a mais recorrente entres os Pankararu, certamente a perda da cachoeira tenha afetado essas outras maneiras de comunicação e de conexão com uma das *moradas* dos Encantados. Pois com a escassez de água e acesso restrito as terras da região não temos muito da fauna e flora. – É por esse e outros motivos que os líderes indígenas lutam para manter o que ainda temos de serras, de terras para poder dar manutenção a essas e outras práticas tradicionais.

O dom de lutar e liderar. As lideranças indígenas Pankararu tomaram folego para lutar pela terra após a implantação do Posto Indígena através do SPI. Embora essa luta tenha iniciado outrora, entre coronéis e povos autóctones junto a missões religiosas. Os Pankararu sempre tiveram sua forma distinta de organização, tendo o *Sarapó* como seu representante seguido por *país e mães de praiás*, curandeiras/os, rezadores entre outras

personagens espirituais. Depois que os líderes se reuniram como Conselho Tribal ou Tradicional, iniciaram suas peregrinações nas cidades do Rio de Janeiro, Brasília e Recife em busca de propostas e possíveis soluções para o reconhecimento da TI Pankararu, com o seguinte corpo político e social Pankararu: Pajé, Cacique, Capitão e Conselho Tradicional. As peregrinações realizadas entre as capitais foram sempre numa comissão de líderes no final da década de 1940. A partir dos anos 60 do século XX, formaram o Conselho Jovem¹⁹, (atualmente estes são considerados *velhas lideranças*) e muitos faleceram²⁰ tornando um ciclo de velhos e novos indígenas.

Numa entrevista realizada por Mirna Cruz, (em 2010), Dona Quitéria fala das necessidades do povo e de como eles faziam para organizar as viagens. Cruz ilustra também como Dona Quitéria tomava iniciativa para que os jovens continuassem na luta:

“Mirna Cruz: E como era a maneira de trabalhar dos Serviços? Eles vinham pra cá? Faziam reuniões com as lideranças aqui mesmo?”

Quitéria: Não, nós é que reuníamos aqui, aí saía pelas casas pedindo uma ajuda, por cinquenta centavos, não tinha nem real, eram cruzeiros, aí ia juntar aquele dinheiro, todomundo dava aí nós largávamos no mundo.

M: Quais eram os lugares que vocês iam?”

Q: Nós íamos pra Rio de Janeiro, nós íamos pra Brasília, para / Recife, íamos atrás damelhora aqui para o povo!

M: Como eram essas reuniões?”

Q: ... A gente ia pra ir lutar ... A gente ia pedir que tava faltando as coisas aqui, que tá faltando terra, faltando comida, faltando enxada, machado, foice, feijão para plantar, milho, nós íamos pedir essas coisas. Aí com o tempo que eles marcavam de vir aí chegava. (Quitéria, 80 anos, ETMC)”

(CRUZ, M. pps. 60. 2010.)

“Quitéria explícitamente tiene el proyecto de hacer de jóvenes parientes, futuros líderes, dándoles una formación política cuando los llevaba a sus viajes a Brasilia. Un tipo de formación, por tanto, que desvía el énfasis de la preparación ritual para el conocimiento de los circuitos de los viajes y con ello el dominio de la lógica de la mediación”. (Idem: 113).

¹⁹ Constituído também por *país e mães de praia*, curandeiras/os benzedeiras entre outros mais instruídos as burocracias.

²⁰ Ver alguns nomes de líderes na página 07 deste texto.

D. Quitéria Binga, mesmo numa idade avançada sempre esteve preocupada com os interesses ameaçadores que cercam a TI Pankararu. Preocupada também pelas novas lideranças não terem ou não demonstrarem o folego que ela e outras lideranças de sua época tinham para lidar com essas situações –, demonstrou um certo desconforto em sua entrevista. Então, ainda em vida, almejava dar uma volta no mundo para lutar pela desintrusão de posseiros nas TIs Pankararu. E assim se fazer visível o perigo que realmente existe para as populações autóctones que habitam a região das margens do rio São Francisco. Dar uma volta no mundo é desde se conectar com outro lado, com outro mundo, e regressar para este com saberes e assim poder enfrentar essas ameaças eminentes que parasitam e ameaçam as terras indígenas. Uma volta no mundo é percorrer, peregrinar, sofrer e enfrentar uma missão que lhe foi dada, pois suas memórias, suas lembranças e viagens a manteve ativa em suas crenças e práticas diárias. Realizando, colocando em prática vários *dons* neste seu ciclo de vida nesta terra. Entre seus dons Quitéria Maria de Jesus completou seu clico, sua volta neste mundo e acreditamos que ela continuará a nos guiar noutras voltas no mundo mesmo que seu saber tenha lhe acompanhado em sua viagem.



Figure 2. Quitéria Binga a frente com demais cantadores no ritual do Menino do Rancho. Foto: Arruti, 1998.

BIBLIOGRAFIA

ARRUTI, José Maurício de Paiva Andion. O reencantamento do mundo: trama histórica e arranjos territoriais Pankararu. Rio de Janeiro: Museu Nacional-UFRJ, 1996. (Dissertação de Mestrado), 249p.

_____. A árvore Pankararu: fluxos e metáforas da emergência étnica no sertão do São Francisco. In: OLIVEIRA, João P. de (Org.). A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena

CUNHA, Maximiliano Carneiro da. A música encantada Pankararu. Recife: UFPE, 1999. (Dissertação de Mestrado).

GIBERTI, A. C. 2013. Nascendo, encantando e cuidando uma etnografia do Processo de Nascimento nos Pankararu de Pernambuco. Dissertação de Mestrado. USP.

MATTA, P. 2005. Dois elos da mesma corrente: uma etnografia da Corrida do Imbu e da Penitência entre os Pankararu. 204p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MURA, Claudia. 2012. “Todo mistério tem dono!”: ritual, política e tradição de conhecimento entre os Pankararu/ - Rio de Janeiro, UFRJ, PPGAS, Museu Nacional.

OLIVEIRA, Carlos Estevão. 1942. “O Ossuário da ‘Gruta do Padre’ em Itaparica e algumas notícias sobre remanescentes indígenas do Nordeste”. In *Boletim do Museu nacional XIV-XVII 1938- 1941*, pp 151-184, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de (Org.). 1993. “A viagem da volta: reelaboração cultural e horizonte político dos povos indígenas do Nordeste”. In: João Pacheco de Oliveira Filho e Jurandyr Carvalho Ferrari Leite (coordenadores) *Atlas das Terras Indígenas do Nordeste*. Rio de Janeiro: PETI/PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.

PINTO, Estevão. 1938. “Alguns Aspectos da Cultura Artística dos Pankararus de Tacaratu”, in *Revista do Serviço do Patrimônio e Artístico Nacional*, n° 2, pp. 57-92, Rio de Janeiro.

_____. 1952. “As mascaras-de-dança dos Pankararú de Tacaratu. (Remanescentes indígenas dos sertões de Pernambuco). In: *Journal de La Société des Américanistes*, Nouvelle Série –Tomo XLI (n.2), pp. 295-304. Paris: Musée de l’Homme.

SITES ACESSADOS:

<http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/2478-pernambuco-perde-grande-lideranca-feminina-indigena>

https://books.google.com.br/books?id=8nvj-0TWbtMC&pg=PA56&lpg=PA56&dq=Quit%C3%A9ria+Binga+Pankararu&source=bl&ots=s0FT1aZ6GZ&sig=ecAa8We3hQgmHoi_jFTGqmzK4Uc&hl=pt-

BR&sa=X&ved=0ahUKEwjupazJjOjZAhXITZAKHTzxAKQQ6AEIXjAM#v=onepage&q=Quit%C3%A9ria%20Binga%20Pankararu&f=false

https://books.google.com.br/books?id=RcfNzHaA6fQC&pg=PA88&lpg=PA88&dq=Quit%C3%A9ria+Binga+Pankararu&source=bl&ots=x_JPKSK7kZ&sig=Ht53OMgu2HKpBWFTiUaZbYUT_nI&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwimk_rWj-jZAhVFGpAKHeziBzY4ChDoAQg-MAQ#v=onepage&q=Quit%C3%A9ria%20Binga%20Pankararu&f=false